

Em Destaque

Fazemos informação

Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos - Curso Tecnológico de Comunicação - Clube de Jornalismo



Carla Nunes 11.ªE

Editorial

TODA A PREOCUPAÇÃO EXISTENTE

Realmente, nesta fase da minha vida, tenho "montes" de preocupações. Claro que as maiores delas são os meus pais: por mais que eles exijam de mim, são sempre as melhores pessoas que eu tenho neste mundo.

Todos os dias me debato com a pergunta: "Será que eles estão bem? Será que tiveram algum acidente?". Sempre com a mesma preocupação e sempre um pouco agoniada comigo mesma por não estar com eles o tempo suficiente de que eles necessitam.

São realmente as pessoas mais queridas que tenho nesta vida, mas que, por vezes, também são um pouco... Exigentes. O suficiente para me contrariarem a cabeça ao máximo.

Por vezes penso que se preocupam demais, mas é tudo para meu bem, eu sei, claro... Para além disto, também sei que eles gostam de mim e que eu, a partir do momento em que nasci, sou a coisa mais preocupante para eles....

Dizer-lhes Bom Dia, ou até mesmo Boa Noite, é muito importante, tanto para mim, como para eles. Penso que um dia se não os tiver não vou ser nada.

Sinceramente: **ADORO-TE MÃE. ADORO-TE PAI.....**

. Islamismo e Fundamentalismo
página 2

. Partituras Ambientais
página 4

. A nossa Turma apresenta-se
páginas 6-7

. Speakers' Corner
página 8

. Um Conto de Selma Lagerlöf
página 10-11

. O Clube de Jornalismo
última página

Por onde anda o pessoal Jovem?

Será que Figueiró dos Vinhos corresponderá às necessidades da gente nova...

A nossa turma saiu da escola em reportagem. Queríamos saber o que os alunos de escola faziam nos seus tempos livres, com que se entretinham, para onde iam, com quem iam.

Rapidamente se conclui que os que não têm tempos livres, faltam às aulas para descer até à via. Afinal esta é uma opção fácil: trocar o esforço intelectual pelo lazer. Às vezes com consequências dramáticas. Insucesso escolar, excesso de consumo de bebidas alcoólicas, drogas e estados depressivos crónicos. Quando dão por isso, já o ano está perdido e a sua desmotivação em relação à vida não lhes torça para lutarem por um futuro, uma profissão, um objectivo.

Começámos por visitar a Biblioteca Municipal. Encontrámos vários jovens. Alguns iam, outros estavam ocupados com o computador, e outros ainda entretinham-se a ver filmes.

Dali seguimos para o Bar - esplanada do Jardim Municipal, onde, por acaso àquela hora, não encontramos ninguém, o que estranhámos, pois não é habitual. Como não estava ninguém, seguimos a nossa "viagem".

Passámos pelo bar Platanus, onde havia alguns clientes regulares, parte dos quais são alunos da nossa escola. Incompreensivelmente, também tinha menos clientes do que de costume. De facto, é à Sexta-feira, dia de matiné, que este se enche.

Por fim regressámos à escola.

Entretanto não nos limitamos a visitar es-



ses locais. Durante a viagem, fizemos perguntas e ouvimos respostas.

Eis algumas delas:

ED - Porque é que escolheram este lugar para passar os tempos livres?

No Jardim:

- Porque não havia mais nenhum.
- Podemos estar à vontade.

No Plátanos Bar:

- Porque me apeteceu.
- Não há outro.
- Porque é divertido e tem pessoal fixe.
- Porque se está bem.

Na Biblioteca Municipal:

- Para estudar.



- Porque é tranquilo para estudar e para divertir nos computadores.
- Porque aqui podemos fazer trabalhos.
- Para estudar para os testes.
- Para adquirir conhecimentos.

ED - Costumam vir para aqui muitos jovens?

No Jardim:
- Mais ou menos.
- Não.

No Plátanos Bar:

- Sim.
- Sim.
- Sim.
- Sim.

Na Biblioteca Municipal:

- Não.
- Sim, entre os 12 e os 13 anos principalmente.
- Sim.
- Sim.
- Alguns.

ED - Quais os aspectos positivos deste lugar?

No Jardim:

- Não há drogas.

No Plátanos Bar:

- Podemos estar com os amigos à vontade e ouvir música.

- Miúdas.

- Convivência.

Na Biblioteca Municipal:

- É quentinho e tem um bom ambiente de trabalho.

- Está aberto aos sábados e é tranquilo.

- Tem livros e computadores.

- Tem bom ambiente.

ED - E agora, quais os aspectos negativos deste lugar?

No jardim:

- É muito frio

No Plátanos Bar:

- Permanência de menores.

- Deixarem entrar menores de 16 anos.

- Discussões.

- Coma Profundo.

Na Biblioteca Municipal:

- Está longe do colégio e está fechado à Segunda-feira.

- Barulho e desordem.

- Não tem.

ED - Feitas às aulas para virem para aqui?

No Jardim:

- Não.

- Sim.

No Plátanos Bar:

- Não.

- Não.

- Muitas vezes, porque não queria ir às aulas.

Na Biblioteca Municipal:

- Não.

- Sim.

- Não.

- Não.

ED - Consomes bebidas alcoólicas?

No Jardim:

- Não.

- Sim.

No Plátanos Bar:

- Sim.

- Sim, mas só ao fim-de-semana.

- Não.

- Claro que sim.

Na Biblioteca Municipal:

- Não.

- Não.

Como podemos verificar, muitos jovens procuram locais específicos para passar o muito ou pouco tempo que têm para estar com os amigos.

A maioria dos lugares onde os jovens se encontram, são aqueles que têm uma boa música e muita gente para conversar. Há também quem opte por lugares bastante discretos (como, por exemplo, o Jardim Municipal) onde encontramos alguns jovens, pois preferem estar sozinhos, apenas com o seu grupo para poderem fazer o que quiserem e falar sobre qualquer tipo de assunto sem serem incomodados.

Ao contrário destes, outros jovens procuram a calma da Biblioteca Municipal. Neste local, não só encontram um bom sítio para ler, mas também para verem filmes e jogarem nos computadores.

Na nossa opinião, os jovens pouco alteram os seus lazes. No entanto, no Verão, sempre podem frequentar as piscinas, os campos de ténis e desfrutar dos espaços verdes que aqui encontramos.

*11.ªE

N.R. - As pessoas entrevistadas não estão identificadas para lhes resguardar a privacidade.

Islamismo e Fundamentalismo Verdades e Crenças

Islamismo é o termo que designa a religião do Islão, fundada pelo profeta Maomé. O Islamismo conta com várias centenas de milhares de muçulmanos espalhados pela maior parte dos países do Oriente. A herança político-religiosa de Maomé foi recolhida pelos Califas e a sua vida tomada legendária e apresentada como modelo e exemplo. O nome de Maomé é invocado na profissão de fé dos muçulmanos, que diz: " não há outro Deus senão Alá e Maomé é o seu profeta".

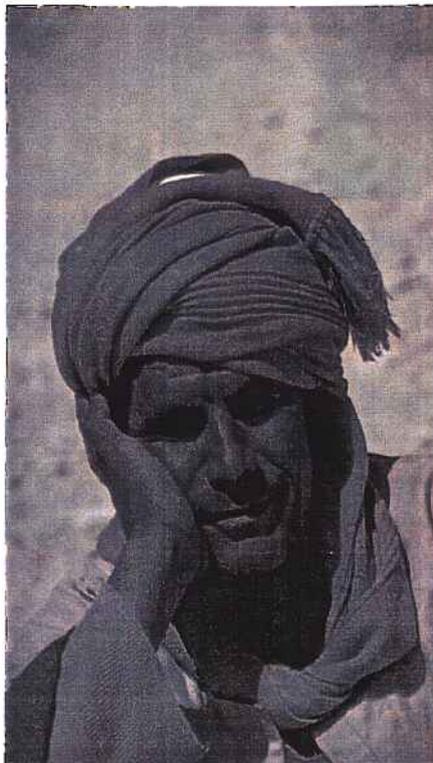
Toda a vida religiosa dos muçulmanos gira em redor do Alcorão, com base na memória dos discípulos de Maomé. Para a tradição muçulmana não se pode falar de fontes literárias ou orais do Alcorão; o seu autor é somente Deus.

Inicialmente, a propagação do Islamismo fez-se em território de judeus, cristãos e sabeus. A rápida expansão inicial do Islamismo constituiu, desde logo, para os muçulmanos, uma prova de protecção divina.

A prática religiosa do Islamismo distingue-se por vários aspectos: - A profissão de fé, resume-se na fórmula " não há outro Deus senão Alá e Maomé é o seu profeta". Basta que alguém profira esta frase para ser considerada membro da comunidade muçulmana. A oração ritual é preceituada pelo Alcorão, devendo realizar-se cinco vezes ao dia em lugar e estado de pureza ritual. A oração consiste numa série de prostrações, na direcção de Meca, com a recitação de diversas invocações corânicas, entre as quais o louvor "Deus é grande". - A purificação ritual consiste em abluções de cabeça, pés, mãos, antebraços, partes íntimas e de todo o corpo. - A esmola legal é obrigatória segundo o Alcorão. Esta esmola tem sobretudo o carácter religioso de cumprimento de obrigação imposta por Deus no Alcorão. - O jejum e as proibições alimentares pelo Alcorão no mês do ramadão consistem em não comer, não beber, não cheirar perfumes e abster-se de relações sexuais desde o amanhecer até ao anoitecer. As proibições consistem em não ser permitido comer carne de porco nem ingerir bebidas alcoólicas no entanto as infracções são muito frequentes. - A peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida, é obrigatória a todo o muçulmano que tiver idade e meios para a realizar. - A circuncisão não é obrigatória. - A guerra santa contra os infieis enquadra-se dentro do ideal de submeter todo o mundo ao povo de Deus. Resumindo, retenha-se ainda que, apesar de divididos em numerosas seitas, o ideal de unidade do mundo islâmico sob a direcção de um único líder político-religioso continua a ser essencial.

Sendo uma religião fundada por Maomé, o termo islamita é de certo modo, sinónimo de maometano. O islamita distingue-se por se achar liberto dos preconceitos ra-

ciais, que mantêm separações estanques. Assim, na Índia, onde a sociedade indígena se apoia fortemente no regime das castas, o islamita, proveniente de qualquer casta, é um ser relativamente igualitário e livre. Por isso se devem saudar pela palavra *salaam*, «a paz esteja contigo» de onde deri-



va o termo islão. A história do Islamismo confunde-se depois com califados. Embora modernamente essa hegemonia tenha decaído bastante a sua própria expansão foi causa da sua decadência, pelas adulterações que sofreu no seu contacto com outros credos. O Islamismo sunista, o mais extenso, ficou assim entregue aos cuidados de alguns imans e do mufti de Jerusalém, na Índia, onde se inspirou na metafísica do budismo e da ética cristã.

O Fundamentalismo estriba-se no texto íntegro do Corão entendido à letra.

No Cristianismo de hoje, por exemplo, este termo é adoptado em contraposição ao modernismo teológico, que se permite escolher e graduar os textos sagrados e interpretá-los segundo a razão do século, enquanto os fundamentalistas os interpretam ao pé da letra. Esta interpretação cria um desfazamento em relação ao tempo actual e o resultado é a existência de sociedades com vivências medievais no século XXI.

*Cristina e Carla 11.º E

O Mundo árabe

A política do líder egípcio Nasser, no poder a partir de 1954, restituiu a confiança aos árabes e as riquezas petrolíferas permitiram a certos Estados prosperar.

• Da dependência ao nasserismo

Na época das independências, no termo da Segunda Guerra Mundial, os Árabes, que possuíam uma língua comum e uma consciência étnica difusa, foram repartidos em vários Estados (no Médio - Oriente todos os Estados eram árabes à excepção do Irão, da Turquia e de Israel). Pobres (os Estados não aproveitaram muito dos seus recursos petrolíferos, então nas mãos das companhias estrangeiras) e fracos (associados no seio da Liga Árabe, criada em 1945 para favorecer a sua unidade e coordenar as suas políticas eles foram entretanto incapazes de vencer Israel em 1948).

Sentiam nessa época uma profunda humilhação, mas o coronel Nasser, que chegou ao poder no Egipto em 1954, voltou a restituir-lhes a dignidade e a esperança, fazendo frente às antigas potências coloniais e tornando-se o defensor do pan-arabismo: ele não hesitou em se opor à França e ao Reino Unido, nacionalizando o país em 1957.

Mas Nasser não conseguiu realizar os seus objectivos. Entretanto, a perda de influência das antigas potências coloniais, a solidariedade dos Árabes face ao Estado Judeico e o controlo pelos Estados do Médio - Oriente das suas riquezas nacionais foram em parte a herança do nasserismo.

• Os fornecedores do ouro negro

Grandes produtores e exportadores de petróleo, os Estados árabes do Médio - Oriente e o Irão - único país não árabe da região que é um grande produtor. A maior parte dentre eles agruparam-se no seio da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, reforçada em 1954 pela Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo.

No decurso dos anos 70, o preço do petróleo aumentou consideravelmente. Foi principalmente devido ao embargo petrolífero dos países árabes.

Os petrodólares permitiram a Estados quase desérticos da região do Golfo que se tornassem ricos em termos de rendimento *per capita* e que realizassem com êxito ambiciosos programas de equipamento ou de desenvolvimento industrial. Mas eles não permitiram aos Estados populosos, experimentando um intenso crescimento demográfico, a resolução de todos os seus problemas económicos e sociais.

Essencialmente, reforçaram a dependência económica e política do Médio-Oriente em relação ao Ocidente (tecnologias importadas, imigração de quadros europeus e americanos, influência crescente dos Estados Unidos, sobre-armamento dos Estados).

Mas, a partir de 1982, o preço do petróleo começou a baixar. Em 1985, ele era próximo do de 1973 antes do choque petrolífero. Os países petrolíferos tinham então de defrontar crises orçamentais e numerosos projectos de equipamento foram postos em causa.

Nos anos 80, novos conflitos em que entravam em jogo as grandes potências desestabilizaram a região.

• O choque de revolução iraniana (1979)

No Irão, no decurso dos anos 60 e 70, o Xá, Mohammed Reza Pahlavi, instalou a sua ditadura e impôs a ocidentalização dos costumes. A sua política económica - ambiciosa graças aos petrodólares - apenas aproveitou a sua pequena minoria e fez crescer a dependência do país em relação ao Ocidente. Em Janeiro de 1979, ele foi afastado pela revolução, e um religioso muçulmano xita, o imã Khomeyni, que se fez conhecer pela sua oposição irreductível ao Xá, fundou uma República Islâmica, proclamada em 1979.

Em nome do Islão, o novo poder, detido pelo clero xita, prendeu os opositores e voltou a pôr em vigor os castigos mais bárbaros; recusou qualquer concessão ao mundo moderno, fechando as suas fronteiras influências ocidentais. Finalmente, ele ameaçou exportar a revolução islâmica integralista para o mundo láureo e não hesitou em violar as regras internacionais, como o demonstrou a colocação como refém do pessoal da embaixada americano (de Novembro de 1979 até Janeiro de 1981), que foi encorajada pelo novo poder.

O Irão, «potência do Golfo» em benefício dos Estados Unidos sob o domínio do Xá, inquietou do mesmo modo os Ocidentais, que vieram nascer o regime hostil nas margens do golfo Pérsico, quanto a URS, que receava a aplicação do modelo islâmico às suas repúblicas muçulmanas. Mas o enfraqueci-

Continua na última página

Em Destaque

GABINETE EDITORIAL
Clube de Jornalismo
Curso Tecnológico
de Comunicação
11.º E
PROFESSORES
Arlene Leitão
Margarida Lucas

ESCOLA
SECUNDÁRIA
DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS
JUNHO 2002
N.º 28



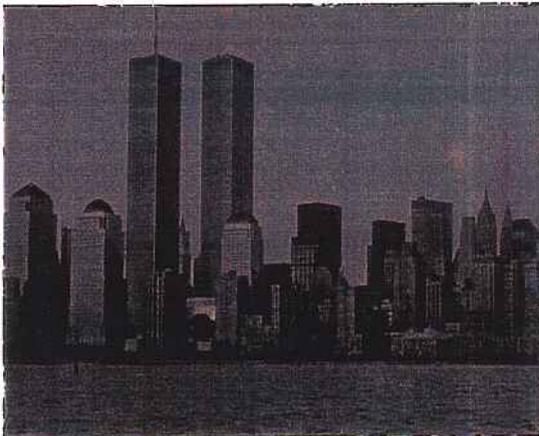
NOVA IORQUE

O medo instalado

As forças de intervenção policial e militar dos E.U.A estão em alerta por todas as grandes zonas urbanas. Em Nova Iorque, a polícia de intervenção e os militares mobilizaram-se para junto de grandes edifícios, alvos possíveis de ataques terroristas, nomeadamente o escritório do Expresso na ONU.

A vida destes mudou muito devido aos ataques terroristas de 11 de Setembro. O dia-a-dia é vivido como se o medo perseguisse as pessoas.

Entretanto, a vida dos americanos mudou muito, devido aos ataques terroristas, o dia-a-dia é vivido como se o medo perseguisse a população. Nova Iorque transformou-se numa cidade deplorável. Nos últimos tempos a cidade



de perdeu mais de 120 mil postos de trabalho e muitos outros se extinguirão.

Os arquitectos debateram muito o que construir no lugar

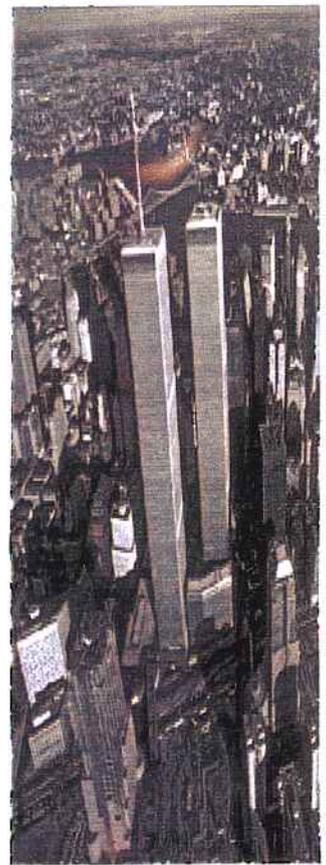
do World Trade Center. O edifício mais alto do mundo, que reflecta o racionalismo, a democracia e o espírito indomável de uma cidade de imigrantes? Ou algo que reflecta humildade e a fragilidade humana?

Nova Iorque é uma cidade onde 43% da sua população nasceu no estrangeiro: tribos de povos diferentes, chegam ali com a intenção de se entender entre si.

Os bombeiros e a polícia que trabalharam, depois do acontecimento de 11 de Setembro, 24 horas por dia são heróis da vida real.

Os E.U.A continuam em alerta total, mas tentam voltar à normalidade, contra ventos e marés.

* 11°E



Os novos mendigos

De um dia para o outro encheram as ruas de Lisboa a pedir, a limpar vidros de carros, a carregar crianças adormecidas ao colo, dizendo que não têm dinheiro e que precisam de ajuda para comprar leite, fraldas, roupa, qualquer coisa.



São os novos mendigos. São ciganos e são provenientes da Roménia, como descobriu o jornalista do "Expresso" que os entrevistou. Só sabem dizer "dinero", "fome" e "não tem trabalho". No seu país de origem, a Roménia, os ciganos sempre foram o povo mais marginalizado. São os mais pobres e os que, verdadeiramente, não querem outro trabalho senão mendigar, como um deles confirmou ao dizer que em Espanha, onde estiveram dois, três anos, a esmola acabou:

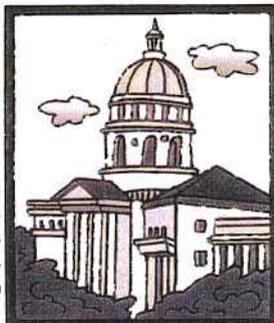
"Havia já muita gente na rua. Já ninguém queria dar dinheiro" - disse em romeno, para um tradutor. A mendicidade, aliás, acompanha o seu nomadismo forçado. De qualquer modo, eles estão a chegar quase diariamente, em carros e carinhas vindos da Espanha e da França e estão a encher as ruas de Lisboa.

Eduardo Lopes, 7.º A, Clube de Jornalismo

Monumentos

"Os monumentos são marcas do homem sobre a paisagem para simbolizar os seus ideais, os seus objectivos, as suas acções.

Pretendem tornar perenes os períodos que os originaram e constituem uma herança para as gerações futuras. Como tal, estabelecem uma ligação entre o passado e o futuro."

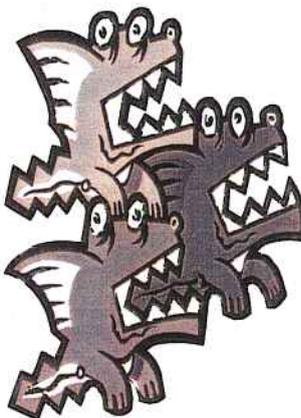


Charles Elliot North, *Nine Points on Monumentality*

A SIDA

Não escolhe as suas vítimas

Muitas vezes faço esta pergunta a mim próprio: porque é que as pessoas criticam os outros? Que poder tem elas de o fazer? Porque é que as pessoas não ajudam? Que direito têm as pessoas de julgar, quem quer que seja? Tantas perguntas para uma só resposta.



A hipocrisia, o racismo, que acabam por magoar e fazer sentir mais a solidão dos que sofrem. Porque é que em vez de criticarem não fazem o contrário, ou seja, os ajudam com o seu carinho e amizade a fazerem-nos sentir pessoas iguais às outras. Porque é que não lhes dão o apoio que é tão necessário nesses momentos de dor, nesses momentos de desespero. Deixem de olhar de lados que sofrem. Deixem de se armar em superiores nos comentários com os vizinhos, no café ou no au-

tocarro. Já pensaram se ao vosso lado ou atrás ou mesmo à frente do vosso "nariz" está uma pessoa contaminada com uma doença, que passa os dias a pensar quando irá morrer. Que deixa de estar com as pessoas que ama, e neste pensamento quando regressa à realidade, dá-se conta das críticas dos outros. Como é que se sentirá, já imaginaram?

Ainda mais sozinho, sem vontade de viver com um desejo de viver cada vez mais isolado, à espera que a morte chegue, distante de tudo que o rodeia. Achem bem ainda sofrer mais? Gostavam que vos fizessem o mesmo? Eu acho que não. Então porque criticam? Quando o perigo vos espreita. Não somos todos iguais?

A sida, por exemplo é uma doença transmissível, mortal e uma preocupação constante da nossa sociedade e dos nossos dias. O HIV atinge em maioria a sociedade dos mais jovens. Embora seja transmissível, muita gente tem uma ideia muito vaga de como ela se transmite, ou seja, a ideia que a nossa sociedade tem é que o HIV se transmite até com um simples abraço ou beijo, mas estão redondamente enganados e porquê? Porque esta doença não se transmite assim, ela pode ser transmitida através do acto sexual sem protecção, através de partilha de seringas, escova de dentes e objectos cortantes quando estes entram em contacto com o sangue de uma pessoa infectada, mas nunca através de beijos, abraços, ou diálogo.

Pensem duas vezes antes de falar, pois a sida é mortal mas não escolhe as suas vítimas.

*Carina, 11° E

Partituras ambientais

A experiência que se propõe em seguida pode ser adaptada a muitas situações particulares e a uma grande diversidade de percursos a interiores ou exteriores. Trata-se de fazer um percurso dentro de uma aldeia, vila ou cidade, de forma a aprender a ver a arquitectura, o espaço em que se insere e os pormenores que as pessoas apressadas, normalmente, não vêem.

O percurso poderá conter as seguintes actividades:

Começar por OLHAR PARA CIMA quando se caminha. Reparar no céu, nas nuvens, na copa das árvores, na silhueta dos edifícios ou outras estruturas que ficam acima das nossas cabeças.

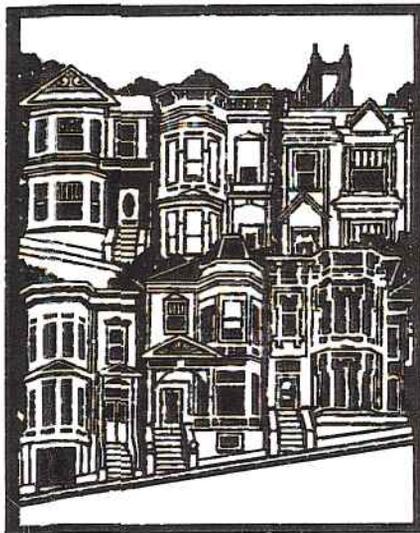
- OLHAR PARA BAIXO durante alguns momentos. Reparar no que está aos pés (texturas, superfícies, bordas de passeios, etc.)

- Escolher um bocado do percurso para andar MUITO DEPRESSA e acabar a CORRER. De que forma foi afectada a percepção do lugar em que estamos?

- Escolher outra parte do percurso para ANDAR MUITO DEVAGAR. Fazer meandros. O que se consegue ver neste passo?

- PARAR num determinado sítio. Reparar na coreografia de tudo o que tem movimento durante algum tempo - velocidades, ritmos, acções interessantes, uma «dança» ocasional.

- REPARAR na arquitectura que nos rodeia. **SELECIONAR** dois ou três detalhes para recordar



mais tarde.

- De que forma as mudanças de escala nos afectaram emocionalmente?

- Que surpresas nos fizeram desviar do percurso pretendido?

- RELATAR a experiência vivida num pequeno texto acompanhado de alguns desenhos.

Para uma experiência semelhante à contida na proposta anterior, utilizar o seguinte texto guia:

Afasta-te alguns metros da porta da escola. Anota as tuas

primeiras impressões (tempo, cheiros, sensações). Caminha durante alguns minutos. Compara o que sentes agora com a primeira impressão à saída da escola. Continua a caminhar deixando-te atrair por ruas, vielas, montras, etc., ou qualquer outra coisa que tenha despertado o interesse.

Desenha o percurso que realizaste. Anota nesse desenho as coisas que te fizeram mudar de caminho ou te fizeram parar.

Continua a caminhar. Muda de passo, caminha mais depressa. Procura um lugar onde te possas sentar em sossego total. Fecha os olhos. Absorve sons, cheiros, vibrações.

Procura relembrar essas impressões e anota-as.

Escolhe um edifício onde encontres movimento de entradas e saída de pessoas. Como se aproximam dele? Como se afastam? O que adivinhas a partir dos seus comportamentos?

Muda totalmente de direcção. Procura um lugar bonito, cheio de gente, alegre, e regista algo em que nunca tivesses reparado antes.

Volta ao ponto de partida pelo caminho mais curto. Anota o maior número de detalhes possível sobre edifícios, espaços, pessoas, cores, texturas, sons, incidentes, mensagens, pensamentos, sensações e coisas que te vierem à memória.

Elabora um relatório desta experiência. *In Dimensões da Arquitectura de Gabriela Neto Porto Editora*

*Manuela o Cristina, 11ª E

COMO RESTAURAR OBJECTOS DE COURO

Limpeza do couro

A limpeza do couro é sempre difícil, devendo para o efeito fazer-se experiências em separado com material igual ao do objecto (para não se correr o risco de prejudicar ainda mais o original ao tentar limpar-se ou extrair-se nódoas), utilizando produtos à venda no mercado, ou água e sabão com carbonato de sódio, que se aplicam com bola de algodão ou pano, esfregando sempre com leveza para não raspar a superfície da pele que, perdendo o seu brilho de fabrico, não mais o readquire.

Substituição de fragmentos

A substituição de alguma parte de pele deteriorada é fácil. Aplica-se superfície nova nas dimensões desejadas, com cola própria que existe no mercado, tendo o cuidado de, se nas circunstâncias for aconselhado, desbastar as arestas laterais da pele com faca afiada. Se for cosida, perfurar previamente nos pontos equidistantes e conforme o original, usando linha ou fita da mesma pele, em forma de bordadura.

Acabamento

Se a pele está decorada com lavrados, tem de passar-se a lápis, com o auxílio de papel fino (seda), o desenho igual ao pedaço deteriorado, so-

bre o couro, que deve ser imediatamente humedecido para permitir o vinco do buril, com mais ou menos força, pelos contornos do desenho, obtendo-se assim, a sua reprodução em rebabco.

Se a pele está pintada, tem de se adquirir no mercado tintas próprias para aplicar no couro ou prepará-las com anilinas solúveis em álcool e água (partes iguais), com mais ou menos tinta, consoante a intensidade da cor que se deseja obter. A tinta não pode ser muito fluida para não deslizar além dos contornos do desenho e deve ser aplicada com pincel redondo, previamente ensaiado num pedaço de pele da mesma qualidade, sem aproveitamento.

Para se tingir com uma cor única deve humedecer-se a pele com água e depois aplicar a tinta com boneca de algodão em rotações contínuas até colorir toda a pele. Pode repetir-se a operação, no caso de não se conseguir o tom desejado. Depois de bem seca, deve lustrar-se com um pano de lã.

A pele também recebe o verniz, de preferência transparente, que se dá com trincha e conforme os efeitos que se pretendem.

*Paulo, Carla 11ª E

in Policarpo Lemos, Como Restaurar Objectos de Couro

Arquitectura e Construção

ALGUNS VOCÁBULOS E OS SEUS SIGNIFICADOS

Arco: Parte de qualquer curva; arco toral: arco principal, cada um daqueles em que se apoia a abóbada de um edifício.

Arquitecto: Técnico para projectar e, às vezes, construir edifícios. A máxima hierarquia técnica no projecto de edifícios.

Arquitectura: Arte de projectar edifícios.

Bizantino: Estilo arquitectónico de Bizâncio, hoje Constantinopla; séculos V a XI e ainda posteriormente na Europa Ocidental.

Burilar: Gravar com buril. Lavrar.

Cal: Óxido de cálcio; é branca, cáustica e alcalina; ao contacto com a água hidrata-se ou apaga-se, aumenta de volume desprendendo calor; misturada com areia transforma-se em argamassa.

Cal apagada: Hidróxido de cal que se forma submergindo a cal viva em água; com ela se fazem as argamassas e o cimento.

Cal hidráulica: A que contém mais de 10 a 20% de argila e faz presa e endurece sob a acção da água em excesso ou até debaixo da água.

Cal viva: Chama-se à cal quando sai dos fornos e se apresenta em torrões.

Caramanchão: Espaço quase sempre redondo que existe nos jardins, cercado e coberto de madeira e ramagem, com mesa ao centro e assentos.

Cimento: Mistura de calcário e argila que oscila desde 52 a 65% para o primeiro e de 20 a 30% para a segunda; é um material hidráulico que tem a propriedade de endurecer ao contacto com a água; é o aglomerante mais utilizado hoje em dia pelas suas magníficas qualidades que o fazem insubstituível no fabrico de argamassas e betões; o calcário e a argila são os corpos principais da sua composição; no entanto, a sua formação completa é integrada por: calcário, argila, sílica, alumina, óxido de ferro, anidrido sulfúrico. Existem os cimentos: de presa rápida ou romanos, de presa lenta ou de Portland, brancos, pozolâmicos, de escórias e outros.

Clássico: Em arquitectura diz-se dos estilos que recordam a tradição ou as formas grega e romana.

Cunhal: Ângulo saliente formado por duas paredes de um edifício; esquina.

Dúctil: Maleável; diz-se do metal que pode ser estendido, comprimido ou batido sem se partir; flexível.

Esboço: Bosquejo, apontamento, primeiro desenho não concluído no qual se aponta a ideia do que se vai projectar.

Escória: Partículas de resíduos dos metais fundidos; substância vítrea, geralmente porosa, que se produz ao tratar os minerais nos fornos de fundição; com ela se fabrica o chamado cimento de escórias.

Ferrolho: Lingueta de ferro ou madeira com manilha, com que se fecha e ajusta uma porta ou janela com gonzo ou uma folha contra a outra. Tranqueta de ferro, de base quadrada ou rectangular, com que se fecham portas ou janelas.

Frontão: Remate triangular ou circular de uma fachada ou pórtico. Os frontões também podem ser: agudos, circulares, com enrolamento, interrompidos, etc.

Ginásio: Na antiga Grécia era o equivalente às nossas Universidades; actualmente chama-se ao local destinado à prática de exercícios físicos.

Macacaúba: Árvore da América cuja a madeira vermelha é muito apreciada em marcenaria; também é conhecida por ébano-vermelho.

Molde: Modelo oco para dar uma determinada forma à matéria branda que nele se coloca.

Porta-Miras: aquele que nos trabalhos topográficos está encarregado de levar a mira ou régua graduada.

Pórtico: Sítio coberto, com colunas, que se constrói diante dos edifícios sumptuosos; galeria com arcadas ou colunas junto a uma parede de fachada ou pátio; estrutura constituída por barras geralmente horizontais (vigas) e verticais (pilares), embora por vezes possam ser inclinadas.

Vigamento: Conjunto ou disposição das vigas de uma construção.

Xilografia: Arte de gravar em madeira.

Zimbório: Parte mais alta, externa, da cúpula de um edifício.

*Manuela, Cristina, 11ª E

In Dicionário Básico da Construção
Autor: José Zurita Ruiz - Edições Plátano



A VIDA DAS CRIANÇAS NO RENASCIMENTO



No tempo dos grandes cavaleiros

Por volta 1450, os meninos nobres cresciam para se tornarem cavaleiros mais tarde. Devido à influência dos seus pais e familiares, gostavam muito da arte de ser cavaleiro, era mesmo como um sonho para eles.

Começavam desde pequenos a selar os cavalos, a empunhar as espadas e a atirar os dardos. Estes meninos viviam numa época em que o lema era "apenas os mais fortes sobrevivem". Então esforçavam-se muitos nas tarefas árduas que tinham de fazer, pois queriam ser grandes cavaleiros, temidos e corajosos.

Os meninos viviam em castelos. E, além de treinar para serem cavaleiros, tinham de fazer outras tarefas: ajudavam os cavaleiros que iam combater em batalhas a prepararem-se com aquilo que tinham de levar; na hora da refeição eram eles que serviam os cavaleiros; estudavam, praticavam desporto; e quando tinham mais tempo, tocavam instrumentos, fazendo belas músicas.

Crescendo para ser uma bela dama

Na Itália Renascentista, as meninas viviam com a sua família em grandes palácios repletos de servos. Tinham uma educação muito específica e rigorosa,

pois um dia iriam tomar-se belas senhoras. As meninas eram ensinadas por um tutor, a fazer todos os deveres de uma dona de casa. Eram também ensinadas a cantar, a tocar instrumentos musicais, a escrever poesia e a ler latim.

Seus pais pagavam a artistas para pintar os seus retratos e das suas famílias. Tinham toda esta educação, porque tinham de saber todas as coisas que poderiam agradar ao homem com quem um dia elas iriam casar.

Paulo 11° E



Clube de Jornalismo

A lenda do Rei Midas



Conta a lenda que Midas, um rei da Grécia antiga, era um homem muito ambicioso. Certo dia, por qualquer motivo, caído nas graças dos deuses, concederam-lhe estes a realização de um desejo. Midas hesitou. Fazer com que tudo aquilo em que eu toque se transforme em ouro? Os deuses satisfizeram-lhe o desejo. Midas, ainda um pouco incrédulo, pontapeou uma pedra que logo reluziu brilhante. Esticou o braço para arrancar uma folha de uma árvore e também esta se converteu em ouro. O rei não cabia em si de contente: "Serei o homem mais rico do mundo! E claro... o mais poderoso!" – pensou radiante. Resolveu ir o mais rapidamente contar a boa nova à rainha. Chegando ao palácio, dirigiu-se ao jardim onde ela tratava das suas flores. Colheu uma e disse: Senhora, conheceis flor mais bela do que esta?

A rainha olhou surpreendida para a mão de Midas onde resplandecia uma jóia. Ao saber o que se tinha passado, também ela rejubilou. Comeram os dois ao palácio e todos ficaram deslumbrados com o seu dom. Entretanto Midas quis festejar e mandou que se servissem os melhores vinhos e iguarias. Porém, quando ergueu a sua taça, já esta não passava de um pedaço de ouro e quando a levou aos lábios era dourado o fio que deles escorreu.

Midas era agora um homem muito rico. E podia ser ainda mais rico... tanto quanto quisesse! Contudo, Midas via-se agora incapaz de conseguir o que o menos poderoso dos seus súbditos fazia: comer e beber. E na mesma proporção em que a sua riqueza aumentava, a fome e a sede era-lhe agora profundamente odiosa.

Midas compreendeu então a lição dos deuses. Voltou junto deles e suplicou-lhes que o libertassem de tal dúvida. Narra a lenda que também este pedido foi satisfeito.

Clube de Jornalismo

Para pensar

Estamos num momento de escolha: ou os homens preferem continuar a amontoar-se em cidades informes, amnésicas, que o automóvel desorganiza à espera que as bombas atómicas as destruam completamente e a megalópode acabará em necrópole – ou seguimos a indicação fecunda decorrente de uma urbanização generalizada: as cidades, regressando ao seu tamanho natural e ligadas umas às outras organicamente, formarão o tecido da cidade mundial.



Lewis Mumford

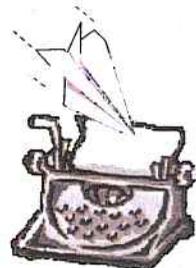
Viajar

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver, de ver o mundo!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A susceita de ter um fim,
E da ansia de o conseguir!

Viajar assim é viajar.
Mes' faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

Fernando Pessoa, Poemas



Cada vez melhor!

Quem vê o Contra-Infomação, deve ter reparado que está a melhorar.

Esta obra de arte foi começada e melhorada por Mafalda Mendes de Almeida, que está de PARABÉNS!

Podemos ver o Contra-Infomação, onde a política, o futebol, as notícias e as guerras são criticadas à maneira deles.

A não perder na RTP 1.

Jorge Costa, 7ªA,
Clube de Jornalismo

A Sida

No dia 29 de Novembro celebra-se o dia Mundial da luta contra a Sida.

Por todo o mundo desenvolvem-se campanhas de sensibilização sobre a doença que actualmente infecta 40 milhões de pessoas e já matou 22 milhões (em apenas duas décadas). Segundo o relatório anual da Onusida, em África, a pandemia já tirou a vida a muitos milhões de pessoas e o flagelo cresce perigosamente na Europa de Leste e na Ásia.

Só na Índia morreram 310 mil pessoas com sida em 1999.

A aposta é feita na prevenção à doença. No dia 29 de Novembro de 2001 celebrou-se o dia Mundial da Luta contra a Sida na minha escola. Todos os alunos foram ver um filme sobre a luta contra a sida na Casa da Cultura.

Na minha opinião, deve continuar a celebrar-se esse dia e a apostar na prevenção, porque a Sida ainda é uma doença sem cura.

Eduardo Lopes, 7ªA, Clube de Jornalismo

11.º E Curso Tecnológico de Comunicação

A Turma



Carina Sofia da Cruz Rodrigues, 16 anos

Nasceu em: Coimbra a 26/7/85. Vive na Arega com os pais e dois irmãos mais novos. Tem 1.55m, olhos castanhos e cabelo castanho claro.

Passatempos preferidos: Ouvir música, sair com os amigos, ver televisão, ler e escrever poemas.

Profissão que gostaria de ter: Professora de geografia.

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter caído e ficado cheia de lama na escola primária

Qualidades: Não é invejosa; é divertida e simpática

Defeitos: É teimosa e sensível.

Carla Sofia Ferreira Nunes, 17 anos



Nasceu em Coimbra, Sé Nova, a 06-08-84. Vive na Castanheira de Pera, com os pais e um irmão mais novo. Tem 1.57m, olhos castanhos e cabelos castanhos claros.

Passatempos preferidos: Sair com os amigos, ir ao cinema, ouvir música, viajar e fotografar.

Profissão que

gostaria de ter: Fotojornalista ou Operadora Turística

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter chumbado um ano e ter perdido alguns amigos em anos anteriores.

Qualidades: É sincera, divertida, "sempre" alegre e aprecia muito nesta turma o companheirismo

Defeitos: É teimosa, impulsiva, distraída e um pouco faladora, preguiçosa e gosona.



Cristina Isabel Simões Antunes, 17 anos. Nasceu em Coimbra a 21/08/84.

Vive em Figueiró dos Vinhos com os pais e duas irmãs.



Tem 1.72m, olhos azuis e cabelo castanho claro. **Passatempos preferidos:** Ouvir música, ler, ver televisão, conversar com os amigos e estar com a família.

Profissão que gostaria de ter: Educadora de Infância

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter chumbado no 8º ano.

Qualidades: É simpática, divertida e boa amiga.

Defeitos: Ser tímida, teimosa e pessimista.

Manuela do Carmo Gonçalves Freire, 17 anos.



Nasceu em Coimbra a 27.10.1974. Vive na Castanheira de Pera com os pais e com um irmão mais novo.

Tem 1.60m, olhos castanhos e cabelo castanho escuro.

Os seus passatempos preferidos são: passear, ver televisão e ouvir música

Profissão que gostaria de ser: era professora de ensino primário.

A experiência mais marcante na sua vida de estudante foi o facto de ter vindo da Castanheira para estudar em Figueiró dos Vinhos.

Os seus defeitos são: Ser teimosa e faladora.

As suas qualidades são: Ser uma boa amiga e simpática.

Marylene Ferreira Gonçalves, 19 anos. Nasceu no Luxemburgo, em 26-02-83.

Vive nas Cabeças com os pais. Tem

1.62m, olhos e cabelos castanhos

Passatempos preferidos:

Ler, ouvir música, estar com os amigos, passear e praticar natacão.

Profissão que gostaria de ter: Repórter, num jornal, por lhe parecer uma profissão de aventura e de acção.

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter chumbado no 9º ano, porque foi o ano em que se divertiu mais com os colegas.

Qualidades: É amiga das suas amigas, que afirmam que ela é simpática e que possui outras qualidades - mistério que não revela.

Defeitos: É preguiçosa, distraída, teimosa e por vezes orgulhosa



Nuno Rodrigo Mendes Dias, 16 anos.



Nasceu no Avelar em 31/5/85. Vive no Casal de Alge, Figueiró dos Vinhos com pais e irmãos

Tem 1.70m, olhos esverdeados e cabelo castanho.

Passatempos preferidos: Ouvir música e praticar todo o tipo de desporto. Mas actualmente dedica-se ao futebol e ao andebol

Profissão que gostaria de ter: Técnico de informática, uma vez que se sente atraído pelas novas tecnologias de informação, na óptica do utilizador.

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter levado a primeira e última bofetada numa visita de estudo

Defeitos: É pessimista, mas promete mudar

Qualidades: A sinceridade.

Paulo Filipe Rosa Nunes, 17 anos.

Nasceu em Lisboa (Maternidade Alfredo da Costa) a 02.08.84.

Vive em Figueiró dos Vinhos, com os pais e o irmão mais novo.

Tem 1,78m, olhos verdes e cabelo castanho claro.

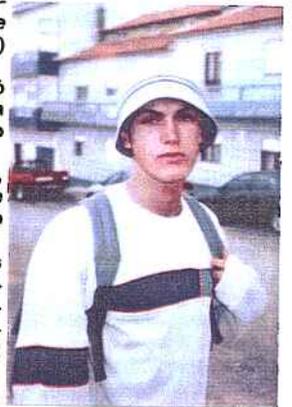
Passatempos preferidos: Andar de mota, estar com os amigos, jogar futebol e ouvir música.

Profissão que gostaria de ter: Motocross Freestyler, Paleontologista ou Antropólogo

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter mudado de escola e ter chumbado no 10º ano.

Qualidades: divertido, simpático, bom amigo, sincero e aventureiro.

Defeitos: preguiçoso, desorganizado, teimoso e sensível demais.





apresenta-se

Sofia Maria Rodrigues Francisco, 17 anos



Nasceu em Coimbra em 08-05-84. Vive em Campelo com os pais e o irmão.
Tem 1.63m, olhos castanhos e cabelo preto.

Passatempos preferidos: Gosta de conhecer lugares novos, ver televisão, ouvir música, ler, passear o cão e estar com os amigos e família. De notar que este cão é arraçado da Serra de Aire e tem um pêlo difícil de tratar.

Profissão que gostaria de ter: Gostaria de tirar um curso de Educação Física ou então trabalhar num ramo relacionado com marketing e publicidade. Afirma ser boa desportista e gosta das técnicas publicitárias e das artes gráficas.

Experiência mais marcante na sua vida de estudante: Ter chumbado pela 1ª vez no 9º ano e ter optado por inglês, como 2ª língua estrangeira.

Qualidades: Sincera, amiga do seu amigo(a) e faz quase de tudo para o ajudar, não gosta de pessoas falsas e odeia mentiras.

Defeitos: Muito teimosa e um pouco orgulhosa.



Vânia Patrícia da Silva Gonçalves, 16 anos.

Nasceu em Lisboa (Maternidade Alfredo da Costa) no dia 23.11.84. Vive em Figueiró dos Vinhos com os pais e 2 irmãos.

Tem 1,61m, cabelo comprido e castanho, olhos castanhos.

Passatempos preferidos: Ouvir música, dançar, viajar e conhecer lugares novos. Estar com os amigos e fazer fotografia.

Experiência mais marcante na nossa vida de estudante: O facto de ter mudança de es-

cola por ter vindo morar para Figueiró dos Vinhos e ter deixado todos os meus amigos para trás.

Profissão que gostaria de ter: Técnica de publicidade e marketing, dado que gosta de artes gráficas e se sente atraída pelas técnicas destas actividades.

Defeitos: orgulhosa, teimosa, impulsiva e preguiçosa

Qualidades: divertida, optimista e directa.



Speakers' Corner

O que é o Speakers' Corner?

O Speakers' Corner fica no canto nordeste da Hyde Park, o maior parque natural de Londres, e é, por tradição, o local onde qualquer pessoa pode fazer discursos sobre o que bem lhe apetece - mesmo sobre as coisas mais excêntricas e inacreditáveis.

Esta tradição iniciou-se em 1872, depois de o Hyde Park se tornar popular para a realização de discursos. Sobre um estrado improvisado, geralmente uma caixa de madeira, os oradores discursam para os transeuntes, causando espanto ou provocando algumas gargalhadas. Por vezes, quando os oradores são mais cativantes, multidões juntam-se à sua volta e fazem comentários, aplaudindo ou aplaudindo se estão ou não de acordo com o que ouvem.

O Speakers' Corner é geralmente visto como símbolo da liberdade de expressão.

A Páscoa na Grã-Bretanha

A palavra Easter (Páscoa em Inglês), deriva da palavra Eostre, a deusa saxónica da Primavera. Hoje a Páscoa é uma festa cristã.

Aqui estão algumas das típicas tradições britânicas da Páscoa:

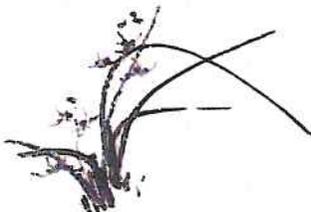
- Os ovos de Páscoa, pintados e decorados ou os ovos de chocolate, são oferecidos como presentes, simbolizando a nova vida que se inicia na Primavera.

- Realizam-se, no norte de Inglaterra, concursos de "corridos" de ovos na Segunda-feira após a Páscoa (Easter Monday), que é feriado nacional. Ovos cozidos são postos a rolar por uma colina abaixo e o vencedor é o que rola até uma distância maior e "sobrevive" a todas as cambalhotas. A competição mais famosa e que atrai mais forasteiros é em Avonham Park em Preston, no condado de Lancashire.

- Desfiles de Páscoa são também tradicionais, com os participantes usando chapéus e bonés de Páscoa, decorados com flores primaveris e filãs.

Sometimes a word lies, a smile deceives, a gesture betrays... But a silent look is enough... to tell us what is going on not only in our soul but also in our heart!

It's better to be a prisoner of thoughts



Than to be a slave of words.

O adeus à Rainha-Mãe



No dia 30 de Março, faleceu a Rainha Mãe, tão amada e respeitada pelos ingleses. A Rainha Mãe era uma senhora que tinha defeitos de conservadora e esbanjadora do dinheiro público, mas ninguém, como ela, foi capaz de pôr a monarquia no coração do povo.

Na terça-feira, dia 10 de Abril, milhares de pessoas acompanharam a última viagem daquela que se tornou no símbolo da família real britânica, unida contra qualquer intempérie e impermeável a todas as mudanças.

Tiago Nogueira, 7.º A, Clube do Jornalismo

Uma nova geração: teenagers

Não havia Teenagers (adolescentes) antes da Segunda Guerra Mundial. Havia apenas jovens que queriam tornar-se adultos.

Tudo começou após a guerra, nos anos cinquenta e sessenta. A diferença entre os gostos e atitudes dos adolescentes e os dos seus pais acentuou-se. Uma das grandes diferenças estava na escolha da música: o gosto pelo rock and roll estendia-se aos mais novos. Elvis Presley, os Beatles, os Rolling Stones e muitos outros passaram a ser os novos ídolos.

Os teenagers foram criando novas formas de estar, de vestir, de se divertirem e começaram a agrupar-se segundo as suas preferências em relação à música, à moda e a diferentes estilos de vida.

O cinema também teve um papel



importante nesta nova mudança de mentalidades e atitudes dos mais novos. Os anos 50 foram a época dos filmes americanos "de consciência" e o seu impacto afectou os costumes e as ideias das pessoas, muito antes da televisão também o fazer. Filmes como *Rebelde Sem Causa* ("Rebel Without a Cause"), de 1954, que apresentava o idolatrado actor, James Dean, num papel de jovem rebelde, ou o filme "West Side Story", de 1961, um musical espantoso sobre os gangs de Nova Iorque, tiveram um papel primordial na divulgação e propagação do novo conceito de libertação de qualquer tipo de autoridade ou tradição, que caracteriza o tão famoso e sempre actual "conflito de gerações".

Porque é que a Rainha de Inglaterra tem dois aniversários?

A rainha nasceu a 21 de Abril, mas tornou-se hábito festejar o seu aniversário em Junho. Desde 1805, o dia de aniversário "oficial" do monarca tem sido festejado com a cerimónia do "Trooping the Colour", que se realiza normalmente no segundo sábado de Junho.



O "Trooping the Colour" teve origem devido ao facto de, no passado, os soldados terem necessidade de reconhecer a bandeira ou cor (colour) do seu regimento para que o pudessem seguir para a batalha. Presentemente, todos os anos, um dos cinco regimentos de guardas reais apresenta a sua cor / bandeira (Colour) nesta cerimónia.

A cerimónia inicia-se com a rainha saindo do Palácio de Buckingham escoltada pela Cavalaria. Ela desce o Mall até à parada da Cavalaria Real e inspecciona os 500 guardas reais. A bandeira com a respectiva cor é apresentada por um cavaleiro, desfilando entre as fileiras da parada, em frente à rainha.

Não se realiza nenhuma cerimónia anual no dia do verdadeiro aniversário da rainha. Mas a bandeira britânica é hasteada em edifícios públicos e o hino nacional é cantado.

Que poderes tem a rainha?

A Grã-Bretanha é governada pelo Governo de Sua Majestade em nome da rainha. No entanto, a sua participação é requerida em muitos actos importantes do governo.

A rainha reúne, prorroga e dissolve o Parlamento. Geralmente, ela abre a primeira sessão de um novo Parlamento com um discurso, escrito para ela pelo novo Governo, apresentando as linhas gerais do programa do seu Governo. Para que uma lei seja aprovada, a rainha tem que dar a sua aprovação.

A rainha pode conceder perdão a pessoas condenadas pela justiça. Ela é imune a procedimentos judiciais, pois como soberana não pode errar nem ser julgada - está acima da lei. No entanto, esta imunidade não se estende aos outros membros da família real.

O Bis-Bis

O bis-bis é um dos pássaros mais pequenos que existem na Madeira.

Uma vez, depois de uma chuvada, uma dessas avezinhas, não tendo que comer, pensou descer às hortaliças onde se fartaria à vontade...

Por onde ia passanda, nada lhe agradava, até que deu com um grande faval.

Ó minhas queridas e ricas favas! Parece-me que estais mesmo à minha espera -

dizia a avezinha toda alegre.

E ainda não acabava de as gabar, já estava a comer, tal era a vontade e sofraguidão que trazia:

- Tudo, tudo para mim; e ainda é pouco - pensava lá consigo.

Mas, passados alguns momentos, já não podia comer mais, apesar das voltas que dava ao papo, que estava muito pesado...

Talvez por se

encontrar bem disposto, bem dizia consigo:



des-

cansou entre o faval, aproveitando um raio de sol, que lhe chegava e aquecia agradavelmente...

Por se sentir

bem, dizia consigo:

-Agora não tenho medo de nada, desafio qualquer bicharroco...

caiu uma folha de faveira. O pequeno animal assustado, exclamou, julgando ser alguém:

Senhor, não mate a bis-bis, porque está farto de favas e não sabe o que diz...

Hugo Pires, 7.º A, Clube de Jornalismo

Não escapa de ladrão quem se paga pela sua mão

Um cego, desses que pedem por portas, deram uma vez em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se pode pisar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o moço que o guiava; e para isso concertou com ele que o comessem bago a bago, alternadamente, e depois de quatro idas e vindas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares; o moço vendo que seu amo falhava no contrato, calou-se e deu-lhe os cabos a ternos. Não lhe esperou muito o cego e ao terceiro in-



vite descarregou-lhe o bordão na cabeça. Gritou o rapaz:

-Porque me dais?

Respondeu o amo:

-Porque contratando nós que comêssemos igualmente estas uvas bago a bago, tu comes a três e a quatro.

Perguntou então o moço:

-E quem vos diz a vós que eu fiz tal alevisia?

- Isso está claro - respondeu o cego - porque falhando-te eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te castaste, sem me requereres tua justiça; e não eras tu tão santo,

que me levasses em conta nem em silêncio a minha sem razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

In "Arte de Furtar"

Eduardo Lopes, 7.º A, Clube de Jornalismo

O estudante

Um estudante, chegado de férias à casa paterna, quis mostrar ao pai e à mãe o seu adiantamento nos estudos. Era noite, quando os pais o não esperavam e tinham para cear dois ovos. O estudante sentou-se à mesa e pôs-se a demonstrar que dois eram iguais a três. O pai ouviu-o atento, e no fim pegou nos dois ovos, entregou um à mulher, e ficando com o outro, dizia ao mesmo tempo:

- Como dois são iguais a três, tua mãe come um ovo, eu ou-

tro, e tu, meu filho sábio, continha-te com o terceiro.



Atalido Oliveira - In Contos Tradicionais Portugueses

Luis Carlos Lopes, 7.º A, Clube de Jornalismo

O Direito de Sonhar

Das mãos de Deus
Ao criar,
O que saiu perfeito
Foi o direito
De Sonhar ...
Que importa a lama dos caminhos,

A traição de um falso amigo,
Que vale não ter abrigo
Num pelácio sumptuoso,
Se Deus pôs em cada ser
Uma alma capaz de conceber
Um reino delicioso que ninguém
Mais consegue possuir?

Oh! Das mãos de Deus
Ao criar,
O que saiu perfeito
Foi o direito
De sonhar...

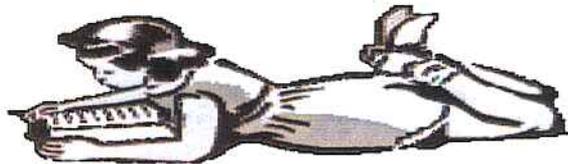
Maria da Conceição Bacelar
Márinha Nunes, 7.º A, Clube de Jornalismo

"A Minha Escola é Muito Louca"

Porque gostei de ler o livro "A Minha Escola é Muito Louca", de Yvonne Coppard, da colecção Clube das Amigas da Editorial Presença.

A acção passa-se num colégio interno e a personagem principal é Annie Tompkin.

o colégio King Arthur's Academy é uma escola onde vão parar pessoas excêntricas. A comida no colégio é horrível e um dos alunos tem uma serpente.



No início, Annie receia ser a única pessoa normal naquela escola, mas em breve tem já um grupo de amigos super fixes

va sempre a gozar com os outros. Com isso, eu aprendi que nós devemos ajudar os outros e não se deve ser invejoso nem vaidoso.

No final da história, Annie e os amigos acabam por resolver um mistério.

Márinha Nunes, 7.º A, Clube de Jornalismo

Amigo



Mai nos conhecemos
Inaugurámos a palavra amigo!

Amigo é um sorriso
De boca em boca,
Um olhar bem limpo,

Uma casa, mesmo modesta,
que se oferece.
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão!

Amigo (recordam-se, vocês aí,
Escrupulosos detritos?
Amigo é o contrário de inimigo!

Amigo é o erro corrigido,
Não o erro perseguido, explorado.
É a verdade partilhada, praticada.

Amigo é solidão derrotada!

Amigo é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
Amigo vai ser, é já uma grande festa!

In Alexandre O'Neil,
No reino da Dinamarca, INCM

Hugo Pires, 7.º A, Clube de Jornalismo

O Sonho

Pelo Sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos
Haja ou não frutos,
pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma dêmos,
Com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?
Partimos. Vamos. Somos.
Sebastião da Gema



Sem ofensa

Sem ofensa.

Não queremos ofender aqueles que nos venham a ler, admitindo que não saibam quem foi Selma Lagerlöf.

Recordaremos, apenas, que foi a primeira mulher a receber o Prémio Nobel da Literatura (1909). Tendo, no mesmo ano, sido eleita para a Academia Sueca.

Começou a sua longa vida (1858/1940) como educadora de crianças. Mas a sua vocação estava na Literatura. A esta actividade se dedicou, deixando vasta obra, da qual uma delas fez sair da obscuridade outra mulher, também sueca, que se tornou famosa: Greta Garbo.

Entendemos oportuno transcrever, neste jornal, um conto de Selma Lagerlöf, incluído no seu "Livro das Lendas".

Assim – acreditamos – prestaremos singela homenagem à escritora que, entre outras distinções, recebeu o grau de doutora "Honoris Causa" da Universidade de Kiev.

Uma lenda de Jerusalém

Na velha e venerável mesquita de El Aksa, em Jerusalém, há, na nave que contorna a construção, uma larga e profunda abertura. Estendido no chão, vê-se um velho e gasto tapete, e, sentado ali noite e dia, o velho Mesulam, adivinho, prediz aos visitantes, mediante modesta paga, a sua sorte futura.

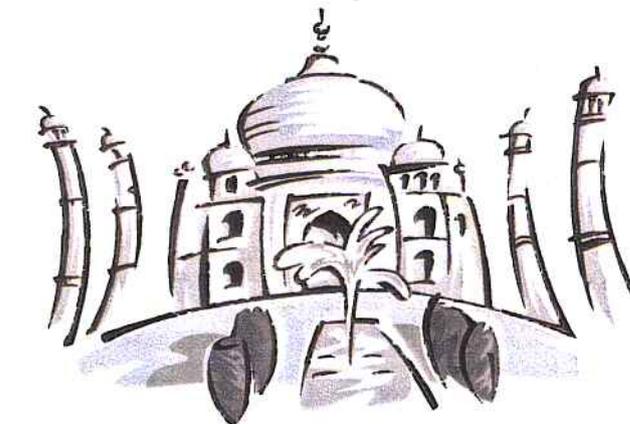
Ora, há alguns anos, aconteceu que, certo dia, Mesulam, sentado como sempre no seu nicho, estava de tão mau humor que nem sequer retribuía o cumprimento dos que passavam.

Ninguém, contudo, se ofendia com esta indecidez, pois todos sabiam a causa do seu pesar: nesse dia sofrera uma humilhação.

Visitava Jerusalém um poderoso soberano do Ocidente, e naquela manhã o hóspede ilustra, rodeado pelo seu séquito atravessara El Aksa. Antes de chegarem, o intendente da mesquita mandara varrer e limpar todos os cantinhos da velha construção e ordenara que enxotassem dali Mesulam, pois pareceu-lhe impossível deixá-lo ali durante a augusta visita, não só por causa do tapete sujo e rasgado, dos sacos imundos e repugnantes em que se arrecadavam os seus haveres, mas porque o próprio adivinho estava longe de ser um ornato do templo.

A dizer a verdade, era um negro de incrível fealdade. Lábios enormes, maxilar inferior assustadoramente proeminente, fronte extremamente baixa e nariz em todo igual a um focinho. Se dissemos ainda que Mesulam tinha a pele rude e rugosa, o corpo obeso e disforme, mal coberto por um manto imundo, não causará surpresa que lhe proibissem a entrada na mesquita enquanto lá estivesse o ilustre visitante!

Sentiu o pobre Mesulam, que tinha a consciência de ser um homem muito sábio, apesar da fealdade, grande desgosto por não ser admitido a ver o augusto hóspede. Espera-



va dar-lhe algumas provas dos vastos conhecimentos que possuía das coisas secretas e misteriosas para aumento da própria glória e reputação. Destruida essa esperança, ficou durante horas mergulhada na sua dor, em singular postura, os longos braços erguidos como a implorar do Céu um pouco de justiça, a cabeça toda inclinada para trás.

Ao cair da noite, despertou-o desta completa prostração uma voz alegre que o chamava pelo nome. Era um intérprete sírio, que, acompanhado por um único viajante, parara em frente do adivinho. Disse-lhe que o estrangeiro a quem guiava manifestara o desejo de ver algumas provas da sabedoria oriental, e ele, intérprete, insistira na maravilhosa faculdade de Mesulam para interpretar os sonhos.

Imóvel, na mesma posição anterior, Mesulam nada respondeu. Apenas quando o intérprete lhe perguntou pela segunda vez se queria ouvir os sonhos que o estrangeiro desejava comunicar-lhe deixou cair os braços para cruzá-los sobre o peito e, na humilde postura de um homem

ofendido, respondeu que naquela noite tinha a alma tão cheia da própria dor que quase não podia julgar com justeza as coisas que interessavam a outrem.

O estrangeiro, porém, de temperamento muito vivo e imperativo, não parecia importar-se com estas objecções. Não vendo qualquer cadeira, levantou com o pé o tapete de Mesulam e sentou-se no vão da janela. Depois pôs-se a contar, em voz alta e clara, os sonhos que tivera, para que o intérprete os traduzisse ao velho adivinho.

- Diz-lhe - disse o viajante - que estive há anos no Cairo, no Egipto. Visto que é um sábio, não ignora que existe ali uma mesquita chamada El Azhar, que é ao mesmo tempo a escola mais célebre de todo o Oriente. Indo visitá-la um dia, encontrei a enorme construção - salas, abóbadas, corredores - cheia de estudantes. Havia lá velhos que tinham consagrado toda a vida ao estudo e crianças que aprendiam as primeiras letras. Havia negros de elevada estatura, vindos do coração da África, belos e esbeltos adolescentes das Índias e da Arábia, estrangeiros vindos da Barbaria, da Geórgia, de todos os países cujos habitantes abraçam o Alco-

rão. Ao pé das colunas - disseram-me que em El Azhar havia tantos professores como colunas - estavam os mestres acocorados sobre peles de carneiro, e os alunos, que faziam círculo em redor, escutavam religiosamente as lições, baloçando o corpo. E diz-lhe que, posto que El Azhar não corresponde de maneira alguma à ideia que no Ocidente, fazemos de uma grande escola, fiquei estupefacto com o que vi. E disse comigo: "Aqui está a grande fortaleza do Islão. É daqui que saem os jovens combatentes de Maomé. A escola de El Azhar prepara as beberagens mágicas que conservam a frescura e a atracção dos ensinamentos do Alcorão."

Tudo isto foi dito quase de um fôlego. Aqui, todavia, o viajante fez uma pausa para deixar o intérprete traduzir continuando depois:

- Diz-lhe também que El Azhar me impressionou tanto que na noite seguinte voltei a vê-la em sonho. Vi a vasta construção de mármore branco e a multidão de estudantes, todos de mantos negros e turbantes brancos, segundo o costume de El Azhar. Percorri as salas e os pátios e de novo me maravilhei ao ver aquela obra magnífica de defesa do Islão. Cheguei, em sonhos, ao pé do minarete a que sobe o almuadum para anunciar aos fiéis a hora das orações. Vi a escada enrolada em espiral em redor da torre e vi o almuadum subir. Trajava monte negro e turbante branco, como todos os outros, e quando entrou na escada não pude ver-lhe o rosto. Quando, porém, deu a primeira volta e o vi de frente, reconheci Jesus Cristo.

O estrangeiro fez uma breve pausa e soltou-se-lhe do peito um profundo suspiro.

- Jamais esquecerei, ainda que não fosse senão um sonho, a impressão que senti ao ver Jesus Cristo subir a escada do minarete de El Azhar. Pareceu-me tão belo, tão cheio de significado o facto de ter vindo a esta fortaleza do Islão para gritar as horas da oração que despertei sobressaltado.

O viajante fez nova pausa para dei-

xar o intérprete traduzir. Isso, no entanto, parecia trabalho perdido: Mesulam persistia em balouçar-se constantemente, com as mãos nas ancas e de olhos fechados, parecendo dizer: "Visto que não posso escapar a esta gente importuna, hei-de mostrar-lhes que nem me dou ao trabalho de escutar o que contam. Procurarei dormir a embalar-me: será o melhor meio de mostrar-lhes o pouco caso que faço deles."

O intérprete observou ao viajante que os seus esforços seriam inúteis



e que não conseguiriam arrancar uma única palavra sensata a Mesulam, tão mal-humorado estava. Mas o europeu parecia encantado com a extraordinária fealdade e com os gestos singulares de Mesulam. Olhou para ele com o mesmo prazer que uma criança sente em examinar um animal e quis, apesar de tudo, continuar a sua narração.

- Diz-lhe que não lhe pediria a interpretação deste sonho se, por assim dizer, ele não me tivesse voltado segunda vez! Faz-lhe saber que há algumas semanas visitei a Mesquita de Santa Sofia, em Constantinopla, e que, depois de ter dado a volta ao maravilhoso monumento, subi a uma das galerias superiores, para ver melhor a magnífica sala do zimbório. Diz-lhe também que me tinham deixado entrar na mesquita durante um serviço, quando estava cheia de fiéis. Inumeráveis tapetes juncavam o lajeado da nave central e sobre cada um deles orava um homem do pé. Todos os que tomavam parte no serviço faziam simultaneamente os mesmos gestos: ajoelhavam-se, prosternavam-se, tomavam a erguer-se, todos ao mesmo tempo. Murmuravam as orações, mas daquele imperceptível movimento de inumeráveis lábios nascia um misterioso sussurro, que subia para as abóbodas para morrer e reerguer-se a intervalos, repercutido em melodi-

oso cochichar pelos corredores e galerias afastadas. Era tudo tão estranho que pensava comigo se não seria o espírito de Deus que soprava através do santuário.

Caiu-se de novo o viajante, que observava Mesulam enquanto o intérprete lhe traduzia as palavras. Dir-se-ia que se esforçava realmente por atrair a atenção do negro pela eloquência. E, na verdade, parecia que o conseguira, pois os olhos de Mesulam começaram de repente a brilhar como carvões que principiavam a arder. Mas, teimoso como uma criança que não quer que a divirtam, deixou pender outra vez a cabeça para o peito e recomeçou a balouçar-se ainda mais impacientemente que até aí.

- Diz-lhe - continuou o estrangeiro - que nunca vi orar com tanto recolhimento. Pareceu-me que era a santa beleza do maravilhoso momento que originava aquela sensação de êxtase. "Em verdade", disse comigo, "aqui está mais uma das fortalezas do Islão, é aqui a sede do recolhimento e do fervor. É desta mesquita poderosa que emanam a fé e o entusiasmo que fazem a força do Islão."

E parou de novo para seguir atentamente o jogo da fisiognomia de Mesulam durante a tradução. Nenhum sinal de interesse lhe descobriu, mas sem dúvida nenhuma o estrangeiro gostava de escutar a sua própria voz. Embriagava-o a própria palavra e bastante aborrecido ficaria se não pudessem continuar.

- Pois bem - disse quando pôde falar de novo. - Não posso explicar o que me sucedeu. É possível que o vago odor das íntimas lâmpadas de azeite, unido ao murmúrio e aos gestos monótonos dos fiéis, me pusesse em estado de sonolência, de adormecimento. Não fiz mais que fechar os olhos ali mesmo onde estava encostado a uma coluna. Imediatamente se apoderou de mim uma espécie de sono, ou antes, letargia. Não durou isso certamente mais de um minuto, mas durante esse minuto fui completamente arrebatado à realidade ambiente. No meu estado letárgico, vi sempre dentro de mim a Mesquita de Santa Sofia e a multidão a orar, mas percebia então o que não vira antes: lá em cima, sob a cúpula havia andaimes sobre os quais se encontravam operários munidos de latas de tinta. Diz-lhe ainda, se não o sabes já, que a Mesquita de Santa Sofia foi outrora uma igreja cristã e que as abóbodas e a cúpula estão cobertas de pinturas sagradas, se bem que os Turcos tenham escondido as santas imagens sob uma camada de tinta amarela. Ora, no meu sonho, pareceu-me que essa tinta amarela se desprendera em diversos pontos e que os pintores tinham trepado aos andaimes para repararem a pintura. Mas justamente no momento em que um deles levantou a broche para estender a tinta soitou-

se outro grande pedaço de pintura, fazendo aparecer a meus olhos uma bela imagem de Cristo. De novo o pintor estendeu o braço para cobrir a imagem, mas o braço caiu-lhe como paralisado, sem força diante a majestosa aparição. De um só golpe, despreendeu-se a tinta por toda a parte - das paredes, da cúpula e das abóbodas - e apareceu o Cristo em todo o seu esplendor, cercado de anjos e de coros celestes. A esta visão, o pintor soltou um grito que fez levantar a cabeça aos fiéis em oração no mosaico da mesquita. Ao avistar os coros celestes que cercavam o Redentor, estenderam as mãos para o alto com um grito de êxtase. Mas diante deste entusiasmo também senti tal comção que despertei bruscamente. Tudo, porém, estava como dantes, as pinturas do tecto occultas sob a camada de tinta amarela e os fiéis continuavam a invocar Alá.

Quando o intérprete acabou de traduzir isto, Mesulam abriu um olho e olhou para o estrangeiro, apenas vendo um homem igual a todos os outros ocidentais que passavam pela mesquita.

"Não creio que este pálido estrangeiro possa ter visões", disse consigo. "Não tem os olhos sombrios que é preciso ter para ver além da cortina do mistério. Creio antes que veio aqui para se divertir à minha custa. Preciso de ter cuidado para não ser, neste dia maldito, terido por nova humilhação!"

Mas o estrangeiro prosseguia a sua exposição.

- Sabes, ó adivinho - disse ele dirigindo-se desta vez directamente a Mesulam, como se tivesse a sensação de ter compreendido, apesar da linguagem peregrina - , sabes que um hóspede ilustre visita actualmente Jerusalém. As autoridades da cidade fazem o possível por agradar-lhe. Falou-se até em abrir, em sua intenção, a porta murada da muralha de Jerusalém a que chamam Porta Dourada e que se supõe ter sido por onde Jesus Cristo fez a sua entrada no Domingo de Ramos. Houve realmente a ideia de prestar ao augusto visitante a insigne honra de fazê-lo entrar em Jerusalém por uma porta murada há séculos. Mas uma velha predição que proclama que, se abrirem essa porta, os Ocidentais entrarão por ela para se apoderarem de Jerusalém, reteve as autoridades. Mas agora vais ouvir o que me sucedeu na noite passada. Fazia um luar magnífico, estava soberbo o tempo e eu saí sozinho para dar um passeio tranquilo através da cidade santa. Encontrava-me de fora dos muros, no caminho estreito que circunda a muralha, e no decorrer do passeio os meus pensamentos foram-se para tempos tão recuados que quase já nem me lembrava de onde estava. De repente senti-me fadado e perguntei a mim próprio se não encontraria depressa uma porta na muralha para entrar na cidade e alcançar assim o meu albergue pelo caminho mais curto. No mesmo instante em que pensava nisto, avistei um homem que abria uma grande porta na muralha, mesmo junto de mim. Abriu-a toda na minha frente, fazendo-me sinal para que passasse. Todo entregue ao meu sonho, não imaginava até onde me levaria o passeio. Surpreendi-me, certamente, por encontrar uma porta naquele preciso lugar, mas não pensava nisso no momento de passar. Apenas atravessara o profundo arco, fecharam-se os dois batentes com formidável estrondo. Voltei-me vivamente, mas atrás de

mim apenas havia uma porta murada, precisamente aquela a que chamam a Porta Dourada. Em frente, estava a Praça do Templo, a vasta planície do Haram, no meio da qual se ergue a Mesquita de Omar. E bem sabes que nenhuma porta da muralha ali vai dar, excepto a Porta Dourada, que não está apenas fechada, mas murada. Fácil te é compreender que pensei ter enlouquecido, que procurei em vão a explicação do mistério. Busquei com os olhos o homem que me fizera passar por ali: desaparecera e não mais o avistei. Mas voltei a vê-lo mais distintamente em espírito: a elevada estatura um pouco curvada, os cabelos ondulados, o rosto doce, a barba fendida. Era Jesus Cristo, ainda Jesus Cristo! E agora diz-me, tu que podes soerguer a cortina do mistério, que significam os meus sonhos e as minhas visões, que significa sobretudo o facto inegável de ter passado pela Porta Dourada? Mesmo agora, ainda não compreendo como isso se deu, mas o facto verificou-se. Diz-me que significam estas três coisas.

Traduziu o intérprete ainda isto a Mesulam, mas o adivinho persistiu na mesma postura de desconfiança.

"É bastante evidente que este estrangeiro quer divertir-se à minha custa", disse consigo. "Julga talvez provocar a minha cólera falando de Cristo com tanta insistência!"

Preferiria nada responder, mas, como o intérprete insistisse, pronunciou algumas palavras, que este hesitou em traduzir.

- Que diz ele? - perguntou ansiosamente o estrangeiro.

- Diz que apenas tem isto a dizer: os sonhos são mentiras.

- Diz-lhe então da minha parte - replicou um tanto irritado o viajante - que isso nem sempre é assim. Tudo está



em saber quem teve os sonhos!

Mal estas palavras foram pronunciadas e traduzidas, já o europeu se levantava, dirigindo-se sem demora, em passos elásticos, para o longo corredor misterioso.

Mesulam ficou imóvel, a pensar naquela resposta, durante cinco longos minutos. Depois lançou-se de rosto por terra aniquilado.

- Alá! Alá! Duas vezes no mesmo dia passou a felicidade ao pé de mim, sem que eu soubesse agarrá-la. Que faz o Teu servidor para te desagradar a este ponto?

O Mundo Árabe

mento do país após a guerra contra o Iraque, e depois a morte de Khomeini, obrigaram a governo islâmico a uma maior conciliação com o Ocidente no início dos anos 90.

• A guerra Irão - Iraque (1980-1988)

Atacando o Irão, em Setembro de 1980, o presidente iraquiano Saddam Hussein não queria tão - somente esmagar um regime que poderia servir de modelo aos muçulmanos xiitas do seu país. Ele procurava também fazer recuar a fronteira com o Irão do meio das águas para a margem oriental do rio Chatt - el - Arab, ambicionando talvez anexar o vizinho Khuzistão iraniano, rico em petróleo. Esperando ser apoiado pelos países árabes contra o tradicional inimigo persa, ele pensava obter uma vitória relâmpago.

Mas a guerra entre os dois países foi interminável. À "guerra das fronteiras" no decurso da qual os iranianos lançaram contra o inimigo vagas de assalto humanas pouco armadas, incluindo crianças, enquanto os iraquianos utilizavam armas químicas, sucederam-se, de 1984 a 1988, "A guerra das cidades" (estas foram bombardeadas) e "A guerra do golfo" em que cada um procurou afundar os petroleiros do outro, minar o golfo e controlar a navegação.

Os ocidentais, que apoiavam o Iraque vendendo-lhe (e fornecendo às vezes o Irão, como o revelou o processo do Irangate), não podiam aceitar esta última forma de conflito, que punha em perigo o seu aprovisionamento em petróleo. Em 1987, eles espalharam as suas froas de guerra pela região.

Esgotados e submetidos à pressão internacional, os dois beligerantes acabaram por

aceitar o cessar-fogo sobre a égide da ONU, que se tomou oficial em 20 de Agosto de 1988. A guerra fez mais de um milhão de mortos e não permitiu a Saddam Hussein obter o que ele desejava. A minoria curda do Iraque e do Irão teve de fazer face durante dez anos à hostilidade sangrenta dos governos de Bagdade e de Teerão.

•A guerra do golfo (1990-1991)

O Kuwait era um país rico em petróleo e o Iraque, muito endividado após a sua guerra com o Irão, tinha necessidade de dinheiro. Hussein fez invadir o Kuwait em 2 de Agosto de 1990. Formou-se então uma aliança militar contra o Iraque. Para o Ocidente, tratava-se não apenas de fazer respeitar o direito internacional mas também de proteger o seu aprovisionamento em petróleo e de defender Israel.

Cerca de 580 000 iraquianos fizeram face a 750 000 homens (dos quais 510 000 eram americanos) pertencentes a uma aliança de mais de trinta países. A guerra, que se desenrolou de 17 de Janeiro até 28 de Fevereiro de 1991, consistiu em quarenta e dois dias de bombardeamentos aéreos pela aliança, aos quais se sucederam cem horas de combates terrestres. O Iraque, após pouca resistência, perdeu a maior parte do seu poderio militar, mais de 50 000 homens e sofreu graves estragos materiais.

A partir do anúncio do cessar-fogo (3 de Março de 1991), no Iraque, os opositores ao regime de Bagdade - os xiitas do sul do país e a minoria curda do Norte - revoltaram-se, mas Hussein restabeleceu a sua autoridade.

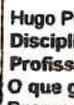
*11.E

O Clube de Jornalismo

Luis Lopes, 16 anos, 7.ª A
Disciplinas Preferidas: Educação Física e Inglês
Profissão de sonho: Árbitro de Futebol
O que gosta de fazer na escola: Ir à Internet



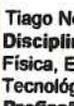
Eduardo Lopes, 14 anos, 7.ª A
Disciplinas Preferidas: Educação Física e Educação Tecnológica
Profissão de sonho: Mecânico
O que gosta de fazer na escola: Brincar



Hugo Pires, 14 anos, 7.ª A
Disciplinas Preferidas: Português
Profissão de sonho: Engenheiro
O que gosta de fazer na escola: Passear



Márinha Nunes, 14 anos, 7.ª A
Disciplinas Preferidas: Educação Física e Educação Visual
Profissão de sonho: Enfermeira
O que gosta de fazer na escola: Brincar, passear e estudar



Tiago Nogueira, 14 anos, 7.ª A
Disciplinas Preferidas: Educação Física, Educação visual e Educação Tecnológica.
Profissão de sonho: Futebolista.
O que gosta de fazer na escola: Jogar à bola. (!)



Preocupações da vida



A juventude de hoje é rebelde, não tem preocupações!

A TÃO FAMOSA IDA À ESCOLA: Esta é a nossa real e inconformável preocupação que muitas vezes tentamos esquecer, mas, inconscientes, lá vamos nós de manhã cedo para o nosso "trabalho", quando nos apetece estar mais tempo enroscados nos lençóis. Quando toca a detestável campainha, damos connosco dentro

de uma sala a ouvir o professor a discursar.

Por sua vez, os "Cotas" vão para os seus empregos, tranquilos, pensando que os seus "Anjinhos" estão a adquirir conhecimentos que os vão tornar grandes "doutores". Sim, claro... porque para os nossos "Cotas" é nisso que nos temos de tomar, para podermos ganhar muitos "papéis verdes e castanhos" (dinheiro). Eles preocupam-se demasiado com os gastos e só pensam em poupar, pois passam a vida com medo que o "papel" não chegue.

Os nossos velhotes queridos preocupam-se demais com as coisas, que só lhes fazem cabelos brancos.

Em comparação com a vida dos nossos pais, NADA MELHOR QUE A VIDA DE ESTUDANTE!

Vânia, Sofia, Marylene 11.ª E

A VIDA DA NATUREZA

De uma semente nasceu.

A razão da nossa vida.
Conosco viveu.
E nos deu sempre comida.



A poluir e a destruir,
Nem damos por isso.
Acorda se estás a dormir,
E repara nisto.

Eu já vou acabar.
E só vos estou a avisar.
" Curtam " bem a vida,
Mas por favor, deixem a floresta crescer!

JORGE COSTA, 7.ª A, Clube de Jornalismo

Quem ri seus males espanta

O bom-humor traz-nos benefícios psicológicos, mas também se reflecte no nosso corpo.

Depois de efectuado um estudo

na Universidade dos Estados Unidos, ficou comprovado que o riso e o sentido de humor são eficazes para prevenir acidentes cardiovasculares; pois sabe-se que grande parte dos ataques cardíacos acontecem em momentos de tensão.

A equipa dessa Universidade interrogou 150 pessoas com problemas cardíacos sobre a capacidade de rir em várias situações. E em seguida comparou os resulta-

dos com as respostas de 150 pessoas saudáveis. O resultado foi que as pessoas com problemas cardíacos não achavam graça a 40% das situações que as pessoas sem doenças coronárias achavam cómicas.

Um dos membros da equipa afirma: Não sabemos ainda porque razão o riso protege o coração, mas sabemos que a tensão arterial elevada

pode ajudar a engrossar o tecido do inferior dos vasos sanguíneos, visto que a obstrução das veias é o primeiro passo para Ter uma crise cardíaca

*Sofia, 11.ª E



Carta de Lisboa

Mãe,
Isto por cá é gente:

É sempre em frente! Isto por cá só há casas,
E carros e ruas.
Bem, a gente diz que há:
Mas nunca se arranjam casas,
Os carros desaparecem
E as ruas caem dentro dos buracos.
Mas, apesar dos buracos,
Não há chão para uma flor. Nem coração.
As flores morrem presas na varanda,
Sem amor.



Por isso a gente, aqui, anda
A correr pelas ruas
Como aí quando vão para o doutor.

Ó mãe, venha cá depressa
Para eu lhe dizer "Bom dia",
Se não morro de ansiedade
Pensando que é de alegria.

Lopes Morgado, Mulher Mãe